Cadernos Espinosanos

ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 53 jul-dez 2025 ISSN 1413-6651

IMAGEM a capa celebrativa dos 30 anos do *Grupo de Estudos Espinosanos* justapõe detalhes de três imagens empregadas em diferentes momentos dos *Cadernos Espinosanos*. O *Retrato de Espinosa* (1956) por Pablo Picasso, utilizado nas capas dos n. 1-7, de 1996 a 2001. Duas imagens de Johannes Vermeer: *O geógrafo* (1668), capa n. 29, 2014; e *Moça lendo uma carta à janela* (1659), capa n . 8, 2002, que foi um número especial da revista, apresentando apenas textos com autoria de mulheres.

MÚLTIPLAS INTERLOCUÇÕES

ORGANIZAÇÃO

Benito Maeso
Professor, Universidade Federal do Paraná/
Instituto Federal do Paraná, Curitiba, Brasil
benito.ly@gmail.com

Gabriel Frizzarin de Souza[1]
Doutorando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil/
Université Paris 1 - Panthéon-Sorbonne, Paris, França
gabriel.frizzarin.souza@usp.br

José Marcelo Siviero
Pós-doutorando, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil
sivierojm@gmail.com

Ricardo Polidoro Mendes
Doutorando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil/
Università degli studi di Milano-Biccocca, Milão, Itália
ricardo.polidoro.mendes@gmail.com

relatos de

MARILENA CHAUI
HOMERO SANTIAGO
ÉRICKA ITOKAZU
FERNANDO DIAS ANDRADE
CRISTIANO NOVAES DE REZENDE
LUÍS CÉSAR OLIVA
TESSA LACERDA
MARIANA DE GAINZA
MARCOS FERREIRA DE PAULA
SILVANA DE SOUZA RAMOS
VITTORIO MORFINO
MAURÍCIO ROCHA

1 FAPESP processo 2022/16875-5.

AO LONGO DA HISTÓRIA DO *GRUPO DE ESTUDOS ESPINOSANOS*, COMO FORAM ESTABELECIDOS CONTATOS COM OUTROS GRUPOS DE PESQUISA EM ESPINOSA OU SOBRE O SÉCULO XVII EM OUTROS PAÍSES?

MARILENA CHAUI: Nossa relação internacional se iniciou com os estudiosos argentinos que, por nossa amizade com Horácio Gonzáles, nos "enviou" Mariana de Gainza, com quem se iniciou o contato não apenas com Buenos Aires, mas também (e graças a Éricka, evidentemente), com a Universidad Nacional de Córdoba, com Diego Tatián. Dessa relação, nasceria um encontro regular, conhecido como Colóquio de Córdoba-São Paulo e, a seguir, São Paulo-Córdoba.

Com Portugal, as relações se estabeleceram com Diogo Pires Aurélio e Maria Luíza Ferreira; com a França, com Chantal Jacquet, Jacqueline Lagrée e Laurent Bove; com a Itália, com Paolo Cristofolini e Vittorio Morfino (este, aliás, foi adotado como "membro da casa").

HOMERO SANTIAGO: No correr dos anos, o *Grupo* foi estabelecendo relações com pessoas e grupos estrangeiros. Não falaria em internacionalização nem em sul-globalismo. Nunca duvidei que tudo que uma pessoa faz de bom nesta vida, ela o faz onde está, no seu entorno, com os seus próximos; a internacionalização, o sul-globalismo, ao menos para mim, são facetas da mesma moeda e não me interessam enquanto tais. O mais importante, parece-me, o mais admirável é que o *Grupo* tenha conseguido aos poucos estabelecer relações com amigos ou, pelo menos, com pessoas "bacanas" ou "do bem", para falar em bom português. Dou só dois exemplos bastante ilustrativos. Ao início do anos 2000, recebemos para seminários o professor luso Diogo Pires Aurélio, tradutor do *Tratado Teológico-político*, e então só isso (ainda não haviam sido publicadas suas admiráveis traduções do *Tratado Político* e da *Ética*); ele veio, fez seminários em que discutiu detalhadamente alternativas de tradução, os prós e os contras de cada solução (recorde-se que estávamos nos preparando para a tradução da *Ética*); a sua atenção,

simpatia e generosidade fizeram que logo se tornasse um amigo de muitos de nós, e até hoje mantém relações conosco, acadêmicas e sobretudo amigáveis. Algo semelhante se deu com o italiano Vittorio Morfino, que veio aqui como professor visitante, deu um curso de pós-graduação, congregou no seu entorno inúmeros amigos, e desde então é uma referência importantíssima para o *Grupo*, recebendo estudantes em Milão, estabelecendo convênios acadêmicos e visitando o Brasil com certa regularidade. Como disse Marilena, ele é "da casa".

De todo modo, além desses dois exemplos centrados em indivíduos, eu seria absolutamente injusto se não reconhecesse que um momento de inflexão do *Grupo* ocorreu com o estabelecimento de relações com o que vou chamar genericamente o pessoal do "Colóquio de Córdoba", englobando toda a Argentina e boa parte do espinosismo latino-americano. O nosso primeiro encontro, por assim dizer, com o espinosismo argentino deu-se graças à presença entre nós de Mariana de Gainza, que veio fazer um doutorado com Marilena e aos poucos foi nos desasnando quanto ao pensamento e sobretudo o espinosismo argentino. Daí foi um passo para em algum momento da primeira década de 2000 arribar em Córdoba um número considerável de membros do grupo paulistano, uma embaixada que chegou no melhor estilo "nós vamos invadir a sua praia, levando a farofa e a galinha"; a partir de então, o *Grupo* começou a frequentar regularmente os encontros, os quais posteriormente ocorreram também no Rio de Janeiro, em Valparaíso e em São Paulo. Trata-se de uma história de intercâmbio acadêmico e, principalmente, de uma história de amizade efetiva; nada daquelas coisas concebidas pelos fãs da internacionalização ou da solidariedade entre povos sul-globais. Como eu disse, para mim tudo o que fazemos de bom nesta vida fazemos no nosso entorno, em nossa vizinhança. Ao falar em "Colóquio de Córdoba", referimo-nos a um espectro, uma "área", por assim dizer, que integramos tanto quanto os argentinos, os chilenos e os europeus amigos que chegam. É o perfeito exemplo de uma ramificação estudiosa pautada pela amizade que se foi criando e cultivando em cada um dos encontros regularmente ocorridos ao final de cada ano, no correr de uma longevidade admirável (em 2025 haverá o vigésimo encontro ininterrupto, salvo nos anos de pandemia).

ÉRICKA ITOKAZU: Creio que a nossa primeira tentativa de estabelecimento de relações com grupos estrangeiros foi com o III Colóquio internacional de estudos filosóficos do século XVII: "Cartas filosóficas, científicas e literárias: o papel da correspondência" organizado pelo grupo na Maria Antônia (USP), mas éramos mais espectadores e ouvintes dos grandes convidados, muitos dos mais importantes intérpretes de Espinosa. Mas, com a verba da Fapesp, realizamos uma outra tentativa, com a vinda de professores visitantes, quando convidamos Chantal Jaquet, depois Paolo Cristofolini (a quem até hoje me sinto em dívida de não ter organizado um evento em sua homenagem e agradecimento pela convivência conosco), o Vittorio Morfino (que passou meses inesquecíveis conosco) e, finalmente, Lorenzo Vinciguerra. Diferentemente dos colóquios internacionais ou jornadas nacionais, os minicursos permitiam uma interação maior, quando não somente conhecíamos os trabalhos deles, mas também eles conheciam um pouco da gente. É uma relação que é duradoura, e a duração para mim era o aspecto mais importante de qualquer ação possível do *Grupo*. Tanto é verdade que, em recente conversa com Vittorio, ele me disse que ainda se considera membro do *Grupo*, mesmo que à distância, talvez como eu me sinto parte dele até hoje e como sinto que o *Grupo* faz parte da minha vida. A relação com os professores visitantes era completamente diferente dos colóquios e jornadas que tinham o aspecto de eventos pontuais, que não duram no tempo. Isso até a grande virada, quando conhecemos os cordobeses. Nossa relação com eles nasceu quase "como que" reproduzindo o nascimento do *Grupo* : foi orgânica, foi interna a cada um, foi intensa e afetivamente construída coletivamente. Mariana de Gainza veio da Argentina por intermédio do Horácio González, a quem presto minha homenagem aqui, e era também bastante amiga do Diego Tatián, de Córdoba. Ela mencionou o colóquio de um certo grupo cordobês que seria realizado ali, internamente, e nos convidou a ir. Lembro-me que fomos eu, Homero Santiago, Mariana de Gainza, Henrique Xavier, André Rocha, Silvana Ramos e Marcos de Paula, e lá ainda conhecemos o Daniel Santos que, na época, estudava no Ceará. Assim que chegamos, o susto do Diego foi gigante porque nunca tinha recebido tantos brasileiros de uma só vez e disse: "Bom, podemos dizer que, a

partir desta edição, o Colóquio Spinoza tornou-se internacional!". Foi *philia* à primeira vista, também plena de muita *sophia*. E foi lá que aprendemos que colóquios podem sim gerar relações duradouras, vínculos fortes, uma interlocução inesgotável. Foi com os cordobeses que aprendemos que os colóquios poderiam ser organizados de um modo imersivo que permitisse a construção de amizades que ultrapassam as fronteiras do tempo e do espaço. Foi lá que nos integramos a outros grupos brasileiros (isso até parece absurdo, porque não foi a Anpof que nos uniu, mas Córdoba!), com o grupo de Espinosa do Rio de Janeiro, Maurício Rocha e Francisco de Guimaraens; com o grupo do Ceará e Emanuel Fragoso. Foi lá em Córdoba que fizemos integração com o grupo chileno, de Bráulio Rojas, e estreitamos as relações com Lorenzo Vinciguerra, à época na França, e Stefano Visentin, da Itália, e com Mariela Oliva, do México. Não seria errado dizer que os cordobeses nos ensinaram a reunir os diversos grupos brasileiros mais organicamente, da mesma maneira que reuniu a América Latina espinosana e a integrou ao mundo. Eu sou capaz de dizer que houve um salto qualitativo em todas as pesquisas espinosanas latino-americanas desde então, um feito que ainda precisa ser registrado devidamente, mas que, de fato, podemos reconhecer que os "Colóquios de Córdoba" se tornaram o maior e mais importante colóquio internacional de Espinosa no mundo, pelo que reúne de pesquisadores (entre 70 a 100 palestrantes em cada edição) e pela sua longuíssima duração, pois há mais de 20 anos nos reunimos em encontros anuais.

Para vocês terem uma ideia do salto qualitativo, lembro-me que, quando fui fazer o meu pós-doc fora do país, voltei para o *Grupo,* relatei como havia desenvolvido a minha pesquisa e comentei quais descobertas fiz, procurando compartilhá-las com os membros, porém, lembro-me de ter dito a todos: "guardem essa informação, por favor: pelo que vi sendo desenvolvido de pesquisa por lá, posso dizer que não temos nada a dever para as pesquisas estrangeiras, porque os trabalhos que vejo aqui são iguais ou superiores aos que vi serem desenvolvidos lá".

De fato, o aprendizado maior tinha sido esse... livrar-nos do preconceito de colônia e descobrir o quanto e quão interessante eram as pesquisas

brasileiras. E, sinceramente, do que tenho lido sobre Espinosa mundo afora, não encontrei nenhum trabalho tão profundo e ao mesmo tempo amplo, histórica e filosoficamente falando, quanto a *Nervura do Real*. Creio que o mundo não sabe porque não lê português e uma obra de tamanha envergadura necessita de um tradutor com mesma estatura, o que torna tudo bastante difícil. Por isso, ainda luto para que possamos traduzir alguns dos trabalhos dos mais de 20 anos de "Colóquios de Córdoba" numa versão plurilingue, acrescentando ao português e espanhol a tradução francesa e inglesa, num trabalho coletivo que possa divulgar e mostrar ao mundo, que não lê português, os vários trabalhos já desenvolvidos na América Latina.

Para se ter uma ideia da importância disso, lembro-me de um colóquio em homenagem ao aniversário de 30 anos do livro *Hegel ou Spinoza,* de Pierre Macherey, realizado em Paris, em que alguém fez uma exposição sobre determinado tema, quando Etienne Balibar observou o seguinte: "isso é uma questão porque o senhor não lê português, pois isso já está resolvido há décadas na América Latina". Espero que não compreendam o que conto aqui como a necessidade de cada um, individualmente, lutar para conseguir publicar um artigo numa revista estrangeira. Trata-se de outra coisa, e a prova disso é que há décadas a Marilena é reconhecida mundialmente e publica em diversas línguas. Trata-se de um reconhecimento maior: desse trabalho orgânico que sempre fazemos, em que o dentro e o "fora" da filosofia não marcam divisórias, em que o pensamento se realiza de outra maneira, mais potente e inovador, porque não individual, mas coletivo.

É isso que transformou a interpretação de Espinosa na América Latina: temos uma "outra pegada", de uma intensidade revolucionária. O grupo de espinosanos do Rio de Janeiro, bastante integrado a essa grande rede construída ao longo de décadas, por exemplo, insere o espinosismo na discussão e na formação do direito constitucional brasileiro. Pode-se imaginar o impacto do que ali pode ser produzido e transformar políticas públicas, ou mesmo construir no âmbito da criação de novos direitos? O mais interessante de tudo é que estamos todos na mesma rede, integrados pela amizade e pela história coletivas e de tantas décadas. No Chile, por

exemplo, um grupo de espinosanos estuda agora os textos dos *Escritos de Marilena Chaui*; boa parte dos textos discutem uma história e fenômenos que críamos ser especificamente brasileiros, contudo, estão repensando ali as lutas populares, o feminismo, a constituinte, a democracia nesse misto entre o que a América Latina desenvolveu sobre Espinosa e a Marilena sobre a história política brasileira. Isso aparece agora entrelaçado para repensar a democracia do Chile. O mesmo parece acontecer na Argentina, com os trabalhos de Cecília Abdo e Francisco Rivera, e ainda no México com Mariela Oliva.

Sem deixar de mencionar a relação tão próxima que o *Grupo* preserva com o *Sive Natura. International Center for Spinozan Studies*, recentemente criado por Lorenzo Vinciguerra, em Bologna, ou com o grupo francês, nos Seminários organizados por Chantal Jaquet, ou ainda com o grupo de Pádua e Urbino, com Stefano Visentin. É uma rede imensa, mas lembro mais uma vez, isso talvez seja assim porque ela parece reunir *philia* e *sophia* de modo tão espinosano.

FERNANDO DIAS ANDRADE: Uma vez tendo instaurado uma rotina semanal dedicada a reuniões sobre temas e autores do Seiscentos, também, sempre a tratar do que poderia ser publicado no número seguinte dos *Cadernos*, o *Grupo* também passou a organizar encontros de Filosofia, de início só com a participação de alunos e professores da própria USP. Eu e Luciana Rugene do Carmo atuamos bastante na organização, por exemplo, do *II Encontro de Filosofia do Século XVII,* realizado em maio de 1997 e no qual apresentei pela primeira vez um texto meu sobre a filosofia do direito de Espinosa (*O direito justo em Espinosa*). Nos anos seguintes o *Grupo de Estudos Espinosanos* passaria a receber professores de fora da USP (mormente do Rio de Janeiro) e, depois, também professores estrangeiros. Daí nasceriam contatos permanentes com europeus, americanos e, depois, também os argentinos (que se tornariam os principais parceiros do *Grupo de Estudos Espinosanos* a partir dos anos 2000). Um momento muito importante de tal aproximação com os estrangeiros foi o *III Encontro*, de 1999, sediado no prédio histórico

da Faculdade de Filosofia da rua Maria Antônia e para o qual o *Grupo de Estudos Espinosanos* recebeu, p.ex., Diogo Pires Aurélio, Edwin Curley e Daniel Garber. Era uma oportunidade preciosa para começarmos a mostrar o nosso trabalho para aqueles professores estrangeiros, com vistas também a aproximações que viabilizassem colaborações posteriores – inclusive nossas pesquisas no exterior na década seguinte.

A partir do *III Encontro*, justamente, os eventos do *Grupo de Estudos Espinosanos* passaram a ser internacionais, pois sempre contavam com convidados estrangeiros. Daí surgiria um contato direto e cada vez mais frequente com os argentinos da Universidad de Córdoba, o que por sua vez levaria à incorporação do *Grupo* aos participantes constantes (e por vezes também organizadores) dos colóquios sobre a filosofia de Espinosa realizados todo fim de ano em Córdoba ou em outra cidade latinoamericana. Igualmente, o *Grupo* sempre manteria a tradição de receber, no Departamento de Filosofia da USP, professores e pesquisadores estrangeiros. Assim, sobre o papel do *Grupo* na comunidade internacional, pode-se dizer que ele é reconhecido fora do Brasil como espaço de pesquisas de excelência em Filosofia moderna e também em Filosofia política, tanto quanto a própria USP é reconhecida como universidade de excelência. Se houver por aí seiscentistas estrangeiros a estudar a língua portuguesa, provavelmente é também por causa da produtividade lusófona do *Grupo*.

CRISTIANO NOVAES DE REZENDE: Sobre este tema, contarei um pouco sobre minha tardia experiência com os congressos de Córdoba junto aos *hermanos*.

Por conta da minha "saída" do *Grupo*, não acompanhei de perto vários anos das atividades. Principalmente aqueles em que as relações com o Diego Tatián e o grupo de Córdoba se estreitaram. Conheci o Diego muito antes das idas sistemáticas dos espinosanos brasileiros aos congressos de Córdoba. Eu o trouxe do aeroporto de Cumbica e conversei muito com ele quando ocorreu, em São Paulo, o *3º. Colóquio Internacional de Estudos Filosóficos*

do Século XVII - Cartas filosóficas, científicas e literárias: o papel da correspondência, em agosto de 1999. Esse congresso foi importante para a internacionalização do *Grupo* sob vários aspectos. Mas aquele que eu destacaria é que ele pavimentou, através da aproximação do Diego Tatián com a USP, a vinda, em 2003, da incrível Mariana de Gainza para fazer seu doutorado com a Marilena, passando a tomar parte do *Grupo*. Acho que ela foi nossa primeira integrante de outro país e ainda é uma das pessoas em que os laços latino-americanos do espinosismo brasileiro se consubstanciam. Sua grande amizade pessoal e intelectual com a Éricka, com quem dividiu moradia, também foi promotora da aproximação da Éricka com Córdoba. Mariana, depois, foi dividir um apartamento com o não menos querido e sagaz Henrique Piccinato Xavier, que também fazia parte do *Grupo*, pesquisando, de modo pioneiro entre nós, sobre a estética em Espinosa: a estética da imanência. Eu frequentei muito o apartamento em que moravam e devo dizer que sem eles eu nunca teria tido algumas de minhas ideias fundamentais para a tese. Assim como se deu e se dá com a Éricka, o Homero e o Luís César, Mariana e Henrique falam por dentro do que eu penso e escrevo.

Eu – apesar de ter conhecido Diego em uma de suas primeiras interações com o *Grupo* e a despeito da profunda amizade e da crucial interlocução filosófica que tive com a Mariana – só fui participar tardiamente dos encontros de Córdoba. Minha primeira ida aos famosos congressos de lá só se deu em 2022. Mas, tendo sido uma experiência inesquecível, especialmente em razão da afinidade de *espírito* entre os grupos, passei a participar o mais regularmente que pude desde então. Quero apenas sinalizar que, desde minha primeira participação, estabeleci um forte vínculo de amizade filosófica com Guillermo Ricca. Em 2023, Guillermo foi trazido da Argentina por minha Universidade, a UFG, para então seguir para Guararema-SP, onde o colóquio, há algum tempo itinerante, se realizava naquele ano. No tempo em que esteve comigo em Goiás, Guillermo ministrou um minicurso intitulado *Espinosa e As Cidades*, no qual – para usar uma expressão que já empreguei – pensava *com o texto* de Espinosa as questões da urbanidade contemporânea. As aulas começavam colhendo nas *Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino o regime afetivo marcante em determinada cidade, seu *ethos*;

depois, transitavam para Espinosa para investigar em seus termos aquele afeto predominante; finalmente, com esses insumos literários e conceituais, Guillermo se punha a pensar as cidades e a cidadania da Argentina e da América Latina em 2023. Foi brilhante! E há a segura perspectiva de publicação deste seu curso como livro, agora por um outro grupo, que não deixa de derivar do *Grupo Espinosano* da USP, mas também da Unicamp: o *Núcleo de Estudos Seiscentistas do Cerrado*.

O NESSECE é formado por mim (na UFG) e pela Éricka (na UnB), mas também pelo Alexandre Guimarães de Soares, da UFU. O Alexandre foi da primeira turma da graduação em filosofia da Unicamp, foi aluno de mestrado e doutorado do próprio Fausto Castilho, com um longo período *sanduíche* na França durante seu doutorado sobre Descartes, sob a supervisão de Jean-Luc Marion, e tornou-se o diretor da Fundação Fausto Castilho, depois do falecimento deste último. Foi através da parceria com ele que pude passar um breve tempo na França no final de 2024. E é na parceria com ele que Éricka e eu pretendemos prosseguir nossa interação com outros grupos de pesquisa em Espinosa ou sobre o século XVII em outros países, especialmente com o grupo originalmente organizado ao redor de Chantal Jaquet na Universidade de Paris I e com o grupo organizado ao redor de Pierre-François Moreau, em Lyon.

Nesse quadro, não posso deixar de mencionar esse outro ornitorrinco chamado Alex Sandro Calheiros. Se o NESSECE hoje existe é porque ele catalisou a minha vinda e a da Éricka para o Centro-Oeste. Alex fez seu doutorado, sob orientação da Marilena, sobre a imbricação entre estética e política no cinema do neo-realismo italiano. Foi provavelmente um dos primeiros membros do *Grupo* a frequentar – ainda que de forma intermitente – suas reuniões sem estudar diretamente a Primeira Modernidade. Julgo – por minha conta e risco – que sua presença, ao lado de outras pessoas como a Marinê de Souza Pereira e a Silvana de Souza Ramos, pode ter sido um elemento estimulante do posterior desdobramento do *Grupo* em uma frente dedicada ao pensamento moderno e outra dedicada ao pensamento contemporâneo. Tendo se tornado professor da UnB em 2009, veio

a ser, depois, diretor da *Casa da Cultura da América Latina* em Brasília, e de outros museus e equipamentos culturais, onde atuou de forma muito afinada com o conceito marileniano de cidadania cultural. E hoje continua a fazê-lo como diretor do *Museu da Inconfidência* em Ouro Preto – MG.

LUÍS CÉSAR OLIVA: Parece-me que o primeiro papel do *Grupo* foi mais interno, a saber, produzir um ambiente de convergência para as pesquisas sobre o século XVII realizadas na USP. Até o início dos anos 2000, nossas relações externas à universidade se davam na Associação Nacional de Estudos do Século XVII, da qual éramos o elo paulista e, arrisco-me a dizer, o núcleo de sustentação, em conjunto com o grupo de professores, sobretudo de universidades cariocas, formados total ou parcialmente sob a direção de Raul Landim. Afora isso, tivemos relevantes visitas de espinosanos estrangeiros que tinham relações de longa data com Marilena, como Jaqueline Lagrée, Bernard Pautrat, Paolo Cristofolini, Diogo Pires Aurélio, etc., os quais, embora muito influentes por seus escritos e traduções, não chegaram a constituir relações acadêmicas perenes com o *Grupo de Estudos Espinosanos*.

Curiosamente, quando a Associação encerrou suas atividades em meados dos anos 2000, outros laços externos, agora duradouros, começaram a se estabelecer em três frentes diversas: Argentina, Itália e França.

Com a vinda de Mariana de Gainza para fazer seu doutorado com Marilena, a relação com os argentinos se aprofundou muito, especialmente graças aos *Colóquios Spinoza de Córdoba*, promovidos pelo professor Diego Tatián, dos quais vários membros uspianos (com destaque para Homero e Éricka Itokazu) começaram a participar frequentemente. Isso deu origem a um expressivo fluxo de pesquisadores argentinos para cá, especialmente durante a vigência de um acordo que estabelecemos por meio da Capes e do Conicet, mas mesmo depois, sempre que havia algum financiamento para nossa ida ou a vinda deles. Cumpre notar que a frequência nos Colóquios de Córdoba também criou laços com outros dois grupos importantes

para os estudos espinosanos do Brasil. De um lado, o professor Emanuel Fragoso, da UECE, que tem um relevante trabalho de formação de espinosanos no Ceará, mantendo inclusive uma revista especializada na filosofia de Espinosa (a *Conatus*), uma coleção de livros e colóquios regulares. De outro, os pesquisadores do Departamento de Direito Constitucional da PUC-Rio que estudam a obra de Espinosa no interior do debate jurídico, capitaneados pelos professores Maurício Rocha e Francisco de Guimaraens. Por meio deste último grupo também estabelecemos contato com o pesquisador Bernardo Bianchi, do *Centre Marc Bloch*, da Alemanha, instituição com a qual estabelecemos nosso acordo mais recente, envolvendo a realização de dois colóquios internacionais no Brasil e estágios para membros do grupo em Berlim.

Paralelamente a isso, Marilena, entusiasmada com o ineditismo da pesquisa do professor Vittorio Morfino, da Università di Milano-Bicocca, convidou-o para fazer conferências na USP e, pouco depois, a dar um curso como professor visitante, com financiamento da Fapesp. O impacto foi imenso de parte a parte, dando origem a um intercâmbio intenso que permanece até hoje. Morfino publicou livros no Brasil, veio para bancas e colóquios e recebeu membros do *Grupo* (Éricka Itokazu, Homero Santiago, Daniel Santos e, mais recentemente, Ricardo Polidoro) para estágios de pesquisa em Milão. Por meio de Morfino, também conhecemos Stefano Visentin, da Università di Urbino, outro companheiro de longa data, que já nos visitou várias vezes, participou de bancas, nos convidou para colóquios na Itália e recebe nossos alunos. Finalmente, cabe destacar o professor Lorenzo Vinciguerra, diretor de um dos mais importantes centros de estudos espinosanos da atualidade, o *Sive Natura*, sediado na Università di Bologna, e que também recebe pesquisadores do *Grupo*.

No front francês, nossos principais contatos foram os professores Laurent Bove e Chantal Jaquet, cuja proximidade se estabeleceu por ocasião de um acordo Capes-Cofecub de que participamos, sediado na UFRJ, coordenado pelo professor André Martins. Nos últimos 20 anos, Bove e Jaquet já receberam inúmeros pesquisadores do grupo e vieram várias vezes

ao Brasil para colóquios, minicursos, bancas e o lançamento das traduções brasileiras de seus livros. Eu mesmo já realizei dois estágios pós-doutorais na Universidade de Paris 1- Panthéon-Sorbonne sob direção de Chantal Jaquet. Nos últimos anos, temos aprofundado relações com o professor Paul Rateau, da mesma universidade, que veio algumas vezes ao Brasil a nosso convite e recebe nossos alunos cartesianos e leibnizianos.

Nessas três frentes, mas principalmente na argentina e na italiana, é nítida a troca equânime entre as pesquisas do *Grupo* e dos professores estrangeiros, que passaram a nos ter como interlocutores necessários para o debate espinosano internacional.

TESSA LACERDA: Inicialmente, no contexto da tradução da *Ética* de Espinosa, projeto ao qual o *Grupo* se dedicou por vários anos, Marilena convidou vários intérpretes da filosofia seiscentista que também traduziram obras dos filósofos do XVII para participarem de seminários sobre tradução no *Grupo*: Diego Pires Aurélio, o casal Beyssade, Paolo Cristofolini entre outros. Além disso, o *Grupo*, em conjunto com a Associação de Estudos Filosóficos do Século XVII, do qual fazia parte, passou a organizar colóquios internacionais, com destaque para o *III Colóquio Internacional de Estudos do Século XVII,* com o tema *Cartas Filosóficas, Científicas e Literárias: o Papel da Correspondência*, realizado em São Paulo, que reuniu nomes como Edwin Curley, Thomas Lennon, Daniel Garber, Diogo Pires Aurélio e vários professores brasileiros.

Houve também um momento de integração do *Grupo* com outros grupos dedicados a Espinosa no Brasil (sobretudo o grupo de Emanuel Fragoso, da UECE, e o grupo de Maurício Rocha, da PUC-Rio) e na América Latina, Argentina e Chile sobretudo.

O *Grupo* se enriqueceu muito com essas outras perspectivas e com esse contato amplo com estudiosos espinosanos de outras partes do mundo.

MARIANA DE GAINZA: A fase de mobilizações (da qual eu e todos os meus amigos – jovens universitários, da faculdade de Ciências Sociais da UBA – participamos) não somente foi tremendamente marcante, mas também teve, na Argentina, uma leitura espinosana. Nossa insurreição democrática foi, de fato, uma "revolta da multidão". Nós tínhamos em Buenos Aires nosso próprio grupo de estudos espinosanos. Por isso, esses temas (a vida política do país e a leitura de "textos filosóficos") eram, para mim, inseparáveis.

Meu olhar já estava muito marcado por um interesse bem contemporâneo, bem "situado" (latino-americano), em Espinosa. Assim, o Brasil (Marilena e seu Espinosa incluídos) era para mim uma parte dessa América Latina a que os jovens argentinos politizados sempre se remetiam. Para mim, o Brasil era (além da "melhor música do mundo", que eu ouvia desde o berço) o PT, Lula se candidatando e chegando cada vez mais perto de ser eleito, o Movimento Sem-Terra como exemplo de organização popular.

Passar dessa experiência na Argentina para esse Brasil que se abria a partir de 2002 (eu fui à Paulista comemorar a vitória do Lula, pois, nesse período, estava em São Paulo prestando provas para entrar na pós da USP) foi, simplesmente, maravilhoso...

Tivemos o privilégio de viver aqueles anos da primeira onda (como diz Álvaro García Linera) dos governos progressistas latino-americanos. Quantas "primaveras democráticas" cabem numa vida? – poderíamos perguntar com um pouco de humor e um triz de melancolia. Logo depois de uma década relativamente "luminosa", havia chegado o que podia ser considerado uma reação.

É um fato que um grupo de estudos que recebe seu nome de um filósofo tão peculiar – e que foi alentado por uma lutadora sem pausa, como a Marilena – não pode tomar esses reveses históricos como uma condenação. O pensamento livre, aberto, criativo, sem preconceitos, é aquilo de que precisamos para atravessar até mesmo os tempos. Tudo o que vivemos deve ser pensado; e esse esforço de pensamento é, de fato, uma forma de viver

e resistir, mas não de aceitar esse mundo desigual, violento e cruel, que as ultradireitas buscam instaurar. É um esforço de pensamento ensinado por Espinosa, não é?

O *Grupo* foi um espaço de encontro com pessoas e amigos fundamentais, que fez de mim essa que eu sou hoje. Foi conhecer um espaço em que se juntam rigor acadêmico e pulsão vital, assim como pensamento coletivo. É uma "instituição que funciona". Não é algo comum. É algo difícil e raro, que graças ao *Grupo de Estudos Espinosanos*, eu vivi e experimentei. Sinto-me tremendamente agradecida por esses anos passados juntos.

MARCOS FERREIRA DE PAULA: A respeito da colaboração com grupos estrangeiros, há dois polos: os franceses e os latino-americanos, particularmente os argentinos, que criaram o famoso "Colóquio de Córdoba".

Quanto aos franceses, o contato se deu e se dá sobretudo com pesquisadores de Espinosa, e isso por conta dos intercâmbios tradicionais e históricos entre franceses e brasileiros, no campo da filosofia. Esses intercâmbios, como se sabe, sempre foram muito ricos.

No que concerne às interações com pesquisadores da América Latina, o contato do *Grupo* se deu por meio dos "Colóquios de Córdoba", um contato sem dúvida muito rico também, sobretudo com pesquisadores da obra de Espinosa, mas não só, porque o tal colóquio sempre foi aberto a outros pesquisadores, seja de filósofos do XVII, seja de outras épocas.

É importante lembrar que em 2003, se não me engano, quando estava chegando, o *Grupo de Estudos Espinosanos* promoveu um grande evento internacional; e em 2009 (também se não me engano), em parceria com espinosanos da UFRJ, houve também na USP um grande evento internacional Espinosa-Nietzsche. Depois disso, algumas edições do "Colóquio de Córdoba" foram realizados no Rio de Janeiro, envolvendo, além dos argentinos, o pessoal da PUC-Rio, da UFRJ e da USP.

Na inserção no cenário internacional, vale dizer, sempre foi facilitada pelo fato de termos entre nós aquela que é considerada internacionalmente uma das maiores especialistas na obra de Espinosa, a professora Marilena Chaui.

VITTORIO MORFINO: A primeira vez que vim ao Brasil foi em 2003 para o *3º Colóquio Marx e Engels: marxismo e socialismo no século XXI*, do CEMARX, da UNICAMP. Eu estava com Marco Vanzulli que, naquela época, traduzia o livro *Política em Espinosa*, de Marilena Chaui, para o italiano, e ele queria muito me apresentar a ela. Em um certo momento desse evento, ainda antes de ser apresentado a Marilena, estavam ela, Baioni (com quem conversei muito depois), e alguém falou em "Morfino", e Baioni perguntou se alguém conhecia "esse tal de Morfino". Marilena, então, mostrou um especial interesse nos meus textos e conversamos muito. Ela nos acolheu de um modo muito gentil, e eu não esperava que seria assim porque ela era uma professora muito conhecida e importante, mas desde aquele momento percebi que ela sempre atendia a todos com uma gentileza e atenção extraordinárias.

Depois, ela veio a Milão em 2004 para um seminário na Casa della Cultura. Fulvio Pappi, que era secretário da Casa, me pediu para apresentar as pessoas, incluindo Marilena, o que, para mim, foi desconcertante, pois eu era um jovem professor e os outros eram todos pessoas importantes como ela. Depois, todos que estávamos no evento fomos comer alguma coisa juntos, e Marilena disse que eu precisava ir a São Paulo, e eu respondi: "Vou amanhã! Vou correndo para lá!".

Não foi possível ir imediatamente, mas permanecemos em contato, e em novembro de 2004 nos organizamos para que eu fosse à USP fazer um seminário no *Grupo Espinosano*, e foi assim que eu conheci todo o Grupo. Para mim, foi um seminário extraordinário. Eu não falava português, então tive que traduzir todos os meus textos que apresentaria para o português, fazia aulas de português, escutava as músicas de Roberto Carlos

– as primeiras palavras que aprendi em português –, e depois passei a ouvir Chico Buarque e Caetano Veloso. Eu era jovem e estava receoso de apresentar meu trabalho, mas Marilena fez eu me sentir à vontade. Ela é uma pessoa extraordinária não apenas intelectualmente, mas também no acolhimento. Os encontros com ela são sempre incríveis. Há um afeto profundo. Então, fizemos esses seminários extraordinários em que conheci Mariana de Gainza, Ericka Itokazu, Tessa, Luís César, José Eduardo Baioni, Luciana Zaterka, Homero Santiago, Silvana Ramos. E se estabeleceu uma amizade muito forte para a vida.

Foi um seminário extraordinário do ponto de vista intelectual, uma experiência extraordinária para mim, porque eu vinha de uma Itália na qual Berlusconi estava no governo há anos, e, mesmo quando ele não estava no governo, a esquerda que governava era uma esquerda que havia renunciado a todas as suas prerrogativas social-democratas. O governo Lula, então, me parecia extraordinário, e eu sabia que Marilena tinha tido um papel fundamental na fundação do PT. Ela é uma figura extraordinária por muitas razões, e também do ponto de vista político. Escreveu textos fundamentais de divulgação, como o texto sobre a ideologia. E o que me emocionava muito era a liberdade da discussão que ela tinha com seus alunos. Seus alunos criticavam, à esquerda, o governo Lula. Eram jovens e ela poderia não dar importância a eles, mas, com toda a calma, ela discutia, falava, e isso me chamou muito a atenção. Aquilo era o sinal de uma extraordinária abertura mental.

Depois desse seminário eu permaneci em contato com Marilena, estreitei a amizade com algumas pessoas do *Grupo* e permanecemos em contato. Alguns anos depois, em 2008, eu estava em um período particularmente difícil na Universidade, no qual eu não tinha cursos nem estudantes, e parecia que eu trabalhava no vazio. Claro que esse período me permitiu estudar, mas, do ponto de vista do ânimo, eu não estava bem, e escrevi a Marilena para ir ao Brasil porque queria ensinar. E claro que Marilena foi gentilíssima. É uma pessoa a quem devo muitíssimo. Ela me convidou para ir à USP por três meses, e foi um período excepcional. Eu ministrei um curso de

três horas por dia, das 10h às 13h, sobre Espinosa, as paixões e a multidão, temas que depois eu desenvolvi ao longo dos anos, e depois do curso, íamos todos almoçar juntos. As aulas eram para um grupo excepcional, foi uma experiência intelectual extraordinária. Eu nunca mais tive alunos daquele nível: Mariana de Gainza, Ericka (um pouco menos presente porque ela trabalhava em sua tese), Silvana, Silvio, Homero, Tessa, Marinê, Ezequiel, André Rocha. Eu vinha de uma Itália deprimida depois dos anos de governo Berlusconi. Ainda não havia a crise econômica, mas era uma Itália politicamente deprimida depois da derrota da grande esperança de Gênova, do mundialismo, da repressão policial, o 11 de setembro, a guerra em todo lugar. Em contrapartida, quando eu estive no Brasil, eu encontrei um ambiente no qual o socialismo não era apenas um valor, mas também se tentava aplicá-lo na prática. Isso me deu uma grande esperança.

As pessoas daquele curso são pessoas das quais me tornei amigo e, depois, nos anos sucessivos, voltei ao Brasil para as defesas de tese. E essas teses eram orientadas por Marilena, mas eram pessoas que seguiram meu curso – não que eu queira me comparar à Marilena, que é alguém de um nível intelectual altíssimo –, e havia um diálogo entre as teses de Marilena e aquilo que eu havia discutido no curso, o que para mim era um enriquecimento enorme.

As defesas de teses de que participei na USP foram a de Ericka Itokazu (*Tempo, duração e eternidade na filosofia de Espinosa*, 12/12/2008), de Mariana de Gainza (*Espinosa: uma filosofia materialista do infinito positivo*, 06/02/2009), de Marinê Pereira (*Entre Bergson e Espinosa: eternidade ou duração?*, 10/06/2011), de André Rocha (*Espinosa e a inteligibilidade da história*, 15/06/2011), e de Daniel Silva (*O conceito de indivíduo e sua realidade na política de Espinosa, 06/07/2012*). Depois, também participei da defesa de tese de Diego Lanciote na UNICAMP (*O encontro entre Lucrécio e Spinoza*, 29/11/2019), que eu conheci no congresso em homenagem à Marilena.

Eu sempre tentei agradecer àquilo que me tinha sido dado levando-o para o meu trabalho. Escrevi coisas em que citava explicitamente esses amigos – não para dar satisfação, mas porque aquela parte que foi trazida por

Ericka, por Mariana, e pelos outros, era algo próximo ao meu trabalho. Para mim era um enriquecimento extraordinário.

MAURÍCIO ROCHA: Em 1998 fui para São Paulo assistir o encontro do *Grupo* da USP. Recordo que participei de uma mesa com Homero Santiago e Fernando Andrade, de assistir um minicurso de Marcos Gleizer (durante o período da manhã, quando presenciei algo que é costumeiro no futebol, quando os defensores se revezam fazendo faltas: um "sistema rodízio" de observações bastante críticas, coroadas pelas intervenções finais da Chaui). Recordo também da conferência final que ela fez, nomeando quase todos os que apresentaram trabalhos com observações encorajadoras. Nos anos seguintes reencontrei-me com os membros do *Grupo* da USP em reuniões da ANPOF, em São Paulo, 2002 e em Salvador, 2004 e 2006 – recordo que em uma dessas reuniões, diante da amigável interpelação da Marilena, que perguntava "cadê a produção", respondi que antes dos artigos precisava formar subjetividades spinozanas no balneário, para ter com quem conversar... Nos Colóquios de Córdoba em 2006 e 2007 essa "produção" apareceu e seguiu crescendo, com cada vez maior consistência, não apenas em torno do filósofo holandês, mas também envolvendo eventos na USP sobre Gilles Deleuze (2010) e Antonio Negri (2011). Nos últimos anos estreitamos os vínculos com o GEE (participação em eventos em comum e bancas, além das publicações) e com os amigos da Argentina, com a presença de Mariana Gainza, Jimena Solé, Sebastián Torres e Diego Tatián em cursos que precederam os Colóquios no Rio e São Paulo (Guararema, 2023). Para encerrar e aumentar o anedotário, recordo uma visita de Homero Santiago, e sua alegria pela sua primeira viagem de travessia da Baía de Guanabara, na barca que liga as duas cidades, para fazer uma belíssima palestra no grupo de Niterói...

Enfim, o resto é história...